Salve, salve educadora(or)!

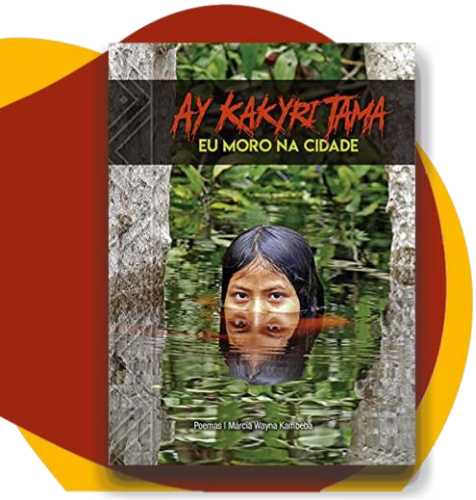
Sabia que ao passar por aqui, você deixa nossas semanas mais completas? ☺
Como você está se sentindo hoje? Conta aqui pra gente! (Observem que a ferramenta que usamos neste link, pode ser usada por vocês em suas propostas educativas. Cada link, uma dica!).

Encontrar com pessoas que pulsam e vibram na sintonia das trocas é muito importante porque fortalece nossa rede sobre educação, cultura e arte abrindo possibilidades para "enxergar o mundo, as pessoas e nós mesmos". Com essa frase do professor Teixeira Coelho que nos deixou no início de junho de 2022, guiamos hoje nossas dicas de leituras inspiradas em escritoras(es) brasileiras(os) que transitam entre temas profundos e que são atemporais!

Sendo assim, todas as dicas de hoje podem ser utilizadas em suas experiências formativas para instigar a reflexão dos seus públicos num aprendizado pautado pela transversalidade, tendo o pensamento crítico como objetivo. São dicas para ler em seus momentos de repouso, mas também inspirar seu cotidiano educativo! Todas as três indicações são facilmente encontradas em formato digital e nas livrarias das cidades:

Começamos por um livro provocativo do professor Teixeira Coelho que já citamos anteriormente. No livro ***Com o cérebro na mão: no século que gosta de si mesmo*** acompanhamos a perspectiva do autor acerca das inovações tecnológicas e sua influência direta nas dinâmicas culturais contemporâneas. Temas como o consumo, o perigo da superficialidade e as transformações sociais permeiam a leitura! Para saber mais clique aqui.

A segunda indicação do dia é da escritora Bianca Santana que reúne uma série de relatos de experiências sobre rompimentos cotidianos do racismo no Brasil. Quando me descobri negra fala sobre um processo de descoberta libertador vivido em etapas. Desconstrução, negritude e afirmação são chaves importantes evidenciadas nessa produção literária. Vale a pena ler e compartilhar!



Nossa última indicação do dia é uma viagem conduzida pela escritora Márcia Wayna Kambeba entre a sua origem indígena e o Belém do Pará. Em Ay Kakyri Tama [eu moro na cidade, em tupi-kambeba] fazemos uma imersão poética na ancestralidade, luta, história e cultura da etnia Omágua/Kambeba. Em tempos de ódio e de luta cotidiana de reafirmação dos lugares de direito dos povos tradicionais, essa dica vem para inspirar seus processos de mediação pedagógica e cultural rumo à uma educação de fato democrática e libertadora.

Com muito respeito e carinho, desejamos boa leitura e descobertas verdadeiramente interessantes!